



(COM APROVAÇÃO ECLESÍASTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*  
 Empresa Editora e Tip. União Gráfica, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*  
 Redacção e Administração: Seminário de Leiria

## Fátima, estrofe sublime do grande poema do amor de Deus

Jesus lançou novamente a réde admirável do seu amor sobre todo o mundo, para nela apanhar tudo o que é ainda susceptível de se deixar prender por este amor. Pois Fátima não é mais que um dos seus muitos pontos estratégicos, na linha da grande ofensiva da hiper-natureza, pela qual Ele quiere reconquistar um mundo atascado no pecado e na matéria.

Dr. Luís Fischer, lente da Universidade de Bamberg (Baviera).

**A «Semana da Entronização» — No cenáculo de Lisboa — Os arautos de Cristo-Rei — Amor, acção e reparação — «Sursum corda» — O arco-iris no céu de Portugal.**

De sábado, 21 de Junho último, a sexta-feira, 27, dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, realizou-se, pela primeira vez no nosso país, a jornada da «Semana da Entronização».

Foi Lisboa a cidade privilegiada a quem coube a honra insigne de inaugurar, no salão do Patronato de S. Sebastião da Pedreira, a série desses congressos do Rei do Amor infável, iniciada sob os melhores auspícios e com um êxito superior a toda a expectativa.

Deve-se tam nobre e tam fecunda iniciativa aos apóstolos do Reinado Social do Coração de Jesus, falange escolhida de novos cavaleiros do Ideal, ainda pouco numerosa, mas já brilhante, formada por autênticos valores do nosso meio culto e piedoso, que se assinalam pelo ardor do seu zelo esclarecido e prudente e pela sua actividade vigorosa e indefessa.

A adorável economia da Redenção exige que os homens cooperem generosamente na santificação e salvação uns dos outros.

Ninguém pode amar a Deus sem amar o próximo e amá-lo é sobretudo trabalhar pela sua salvação, orando por ele e reparando os pecados que cometeu, para que a graça do Senhor desça sobre a sua alma e a purifique e redima.

Foi esse espírito de penitência e de reparação que a Virgem Santíssima veio pregar a Fátima, há treze anos, pela boca dos três humildes pastorinhos de Aljustrel.

Desde a época bem dita das aparições, a Lourdes portuguesa, manancial fecundo e perene de vida cristã e piedosa, que irradia luz e calor por todo o país e pelo mundo inteiro, tornou-se um dique formidável oposto à onda avassaladora da impiedade e da corrupção moral e ficou sendo simultaneamente o trono mais esplendoroso do Rei de Amor e o mais belo centro de devoção à Virgem na nossa querida Pátria.

Sem Fátima, sem a descida prodigiosa da Rainha do Céu aos páramos agrestes da Serra de Aire, sem a intervenção extraordinária da augusta Padroeira de Portugal, o renascimento religioso, rápido e intenso, operado em todas as regiões do país e em todas as camadas da população, constituiria um fenómeno absolutamente inexplicável.

Sursum corda! Corações ao alto. Embora as potências do mal se levantem, numa fúria insensata, contra Deus e o seu Cristo, contra Cristo e a sua Igreja, os esforços que empregam serão felizmente baldados, porque no céu da Pátria surgiu um formoso arco-iris, penhor seguro de triunfo e de paz.

A gloriosa Rainha do Santíssimo Rosá-

finalmente Deus a Portugal e Portugal a Deus!

**Na «Bracara Augusta» — O Congresso Nacional do Apostolado da Oração — O Venerando Primaz das Hebanhas — Restauração, reparação regeneração — O Sameiro, a terra no Céu — Fátima, o Céu na terra.**

grandiosa manifestação de fé e piedade da nação fidelíssima o Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardial Patriarca de Lisboa, conzelado da plêiade brilhantíssima dos venerandos Prelados portugueses, que a palavra autorizada do Em.<sup>mo</sup> Cardial Locatelli, antigo Nuncio Apostólico junto do nosso Governo, proclamou, num preito justíssimo a



AO DESFAZER DA PROCISSÃO FINAL

rio, dignando-se baixar seis vezes a esta terra que é sua, porque é a terra de Santa Maria fez de Fátima o santuário da sua predilecção e prodigaliza ali, naquela estância unvida de mistério e perfumada de milagre, os tesouros inexauríveis das suas graças e das suas bênçãos, para dar

De 8 a 13 de Julho findo, efectuou-se na cidade de Braga, capital do Minho, que com arzo se ufana de ser chamada a Roma portuguesa, o primeiro Congresso Nacional do Apostolado da Oração.

Como Embaixador especial de Sua Santidade o Papa Pio XI, presidiu a essa

êle rendida pelo seu talento pelas suas virtudes e pela sua dedicação à Santa Sé, como o melhor episcopado do mundo.

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. Manuel Vieira de Matos, venerando Arcebispo Primaz, desenvolveu uma actividade admirável para a boa organização de todos

os serviços e foi sem dúvida graças ao seu esforço colossal que o Congresso revestiu as proporções de grandiosidade, de ordem e perfeição que teve, tanto no conjunto como em cada uma das partes do seu programa.

As sessões solenes no Teatro-Circo resultaram uma apoteose calorosa e entusiástica ao Divino Coração de Cristo-Rei, assim como as sessões particulares das diferentes secções foram um estudo consciencioso da sua adorável Pessoa, das suas inefáveis perfeições, do seu amor para conosco, das graças que nos dispensa, dos seus direitos inalienáveis sobre nós e dos nossos deveres imperiosos para com Ele.

Nos trabalhos dos oradores, homens e senhoras, eclesiásticos e leigos, frisou-se, dum modo especial, a necessidade de restaurar a sociedade em Cristo, segundo o lema de Sua Santidade o Papa Pio X, de saudosa memória, de reparar as culpas individuais e as iniquidades colectivas para deter os golpes da justiça divina e de regenerar as almas que pecaram, transformando-as pela educação moral e religiosa e pela acção da graça divina em Pedros penitentes e em Madalenas arrependidas.

A procissão eucarística na tarde do dia doze e a peregrinação ao Sameiro no dia seguinte foram cumulativamente o triunfo esplêndido e magnífico de Jesus no seu Sacramento de amor, e de Maria Santíssima, no augusto mistério da sua Imaculada Conceição.

No alto da montanha santa, por voto unânime da nação, erguem-se agora, lado a lado, sobre majestosas e imponentes colunas, as estátuas do Sagrado Coração de Jesus e de Maria.

Imaculada, dominando com um gesto de bênção a cidade que fica a seus pés e toda a ditosa terra de Portugal, o Sameiro, o maior e o mais belo santuário Mariano do norte do país, pelas suas manifestações de fé e piedade, pelas suas grandiosas peregrinações e pelas graças e milagres que lá se operam, é verdadeiramente a terra no Céu e não pode deixar de continuar a ser o centro de devoção mais querido dos portugueses em honra da sua nobre Padroeira, a Imaculada Conceição. Fátima, santuário nacional, que a Virgem consagrou com a sua augusta presença e a que ligou o dom portentoso de atrair irresistivelmente todos os corações, é sem contestação o Céu na terra e será sempre, por mercê da bemdita Rainha do Rosário, o manancial fecundo e inexgotável dos prodígios da graça, das curas morais, mais ainda que dos milagres de ordem física.

Parece que Nossa Senhora, dignando-se aparecer no centro geográfico de Portugal, quis fundar um santuário acessível a todos os seus filhos, para que ali acorressem dos quatro pontos cardinaes a prestar-lhes as suas homenagens e implorar as suas misericórdias.

No dia treze, por ocasião da missa dos doentes no templo do Sameiro o capelão-mor dos servitas de Fátima meditou publicamente os mistérios do Rosário e na missa campal celebrada na grande explanada e a que assistiram dezenas de milhares de pessoas foi o venerando Bispo de Leiria quem junto do microfone presidiu à recitação do terço e fez a allocução final.

Estes dois factos, aparentemente tão simples e tão naturais, foram decerto, por inesperados e imprevisíveis, um sinal providencial bem patente de que os dois santuários, o do Sameiro e o de Fátima devam dar-se irmãs as mãos para promoverem, cada um na medida ao seu alcance, a glória de Deus, a honra da Virgem e o bem das almas.

**As comemorações do dia treze — As peregrinações — A procissão das velas — A adoração nocturna — Procissão, missa, bênção dos doentes e sermão — A miraculada Fernanda de Jesus.**

A pesar do calor extraordinário e quasi sufocante que fazia, a concorrência de fiéis ao local das aparições no dia treze de Julho último foi bastante numerosa, posto que um pouco inferior à do mês precedente.

Entre as peregrinações organizadas que nesse dia visitaram a Lourdes portuguesa, merecem especial referência, pelo elevado número de pessoas de que se compunham, as de Setubal (220 pessoas), Cem Soldos (120 pessoas), Alcanede (112 pessoas) e Cela (Valado).

Havia grupos de peregrinos de Bragança, de Chaves e até de Tuy. De Alcanede veio gente a pé. A procissão das velas, em que tomaram parte milhares de peregrinos, resultou grandiosa e im-

ponente, embora, como é natural, não revestisse as proporções da do dia treze de Maio. Durante a hora de adoração nacional presidiu à recitação do terço, explicando os respectivos mistérios nos intervalos das dezenas, o rev.do José Celestino Lopes Balazeiro que, depois de vinte anos de exílio, veio do Brasil visitar Portugal e para o Brasil volta em breve. Sacerdote notável pela sua virtude e pelo seu saber e encanecido no serviço da Santa Igreja, o seu espírito exultava na contemplação das maravilhas de Fátima, louvando a augusta Mãe de Deus por se ter dignado fazer dêsse recanto árido e estéril da serra de Aire, que era a Cova da Iria, um verdadeiro cantinho do Céu. Acompanhava o ilustre exilado outro sacerdote não menos distinto pelo seu talento e pelos seus méritos, o rev.do dr. António Durão Alves, actual director espiritual do Seminário de Vinhais, a quem Fátima, com a sua alta e fecunda espiritualidade, igualmente comoveu e inundou a alma de santo entusiasmo.

Antes da missa dos doentes, realizou-se, como de costume, a procissão da Virgem. Foi o mesmo entusiasmo de sempre, o mesmo acenar de lenços, a mesma chuva de flores sobre o andor, os mesmos vivas, as mesmas aclamações, a mesma comoção, as mesmas lágrimas. Celebrou-se a missa oficial e deu a bênção com o Santíssimo o rev.do dr. José Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria, que no mesmo lugar, igual dia e hora, tinha há dois anos celebrado a sua primeira missa.

Vinha incorporada na peregrinação de Setúbal a miraculada de Julho de 1928, Fernanda de Jesus, que, depois de estar paralítica durante sete anos, se curou repentinamente em Fátima.

**Penitência e reparação — Nobilíssimo acto de fé — Poder da inocência e da santidade — O canto eterno do Magnificat — O trono etéreo da Virgem — A morada terrestre da Mãe de Deus.**

Duma interessante e formosíssima carta com que o distinto publicista sr. dr. Crespo de Carvalho se dignou honrar o autor desta crónica reproduz-se com a devida vénia o seguinte trecho:

«Confiteor. Haverá de confessá-lo. A minha romagem de treze de Maio foi obra de penitência e reparação.

Descri longo tempo das aparições.

Baixar da Glória a uma Terra, chamada embora de Santa Maria, mas onde tanta vez a impiedade atropelara os seus mais belos títulos de Virgem e Imaculada (para exemplo e minha vergonha, nesta própria minha terra, ainda em tempo da monarquia, pouco antes da república)... a uma Terra, onde uma primeira revolução proclamara a laicidade de todo o poder, das leis e das instituições... uma segunda mandara confiscar e violar todos os templos... e uma terceira estava prometida para extinguir todo o culto em três gerações... e logo havia de ser numa cova deserta, na ramagem duma azinheira, perdida em charneca... Não e não... não podia ser, mas hoje *Crede*. Creio que havia no País mais de dez justos, que de mãos levantadas ao Céu, qual Moisés, forçaram a clemência divina a favor duma Pátria que tinha por si a tradição de longevias missões da cruz.

Creio que a gratidão de Deus decretara no Alto a imortalidade e a regeneração dessa terra que alargara como nenhuma o domínio do seu lábaro.

Creio que na sua alta glorificação de Medianeira universal, a ternura da Virgem Pura reivindicou para si o direito de redimir pela segunda vez a Nação portuguesa.

Creio que a Nossa Senhora avistou do Empírio três crianças ingenuas e santas na sua inocência e na sua fé; e, na ordem sempre imarcessível da Providência de fazer dos e com os pequeninos grandes obras, pôs nelas os olhos da sua complacência, para que em todas as gerações houvessem quem entoasse o «Magnificat».

Creio que a Virgem mediu a compasso a terra da sua predileção e encontrou na Serra-Daire o centro dela para facilitar o acesso a todos os seus filhos.

Creio que escolheu essa gigantesca bacia da Iria, admiravelmente disposta em soberbo anfiteatro para arrebatar os olhos e os corações dos seus adoradores.

Creio na grandiosidade emocionante do espectáculo de fé que incutem os círios e as invocações para abrir os olhos dos desorientados e dos cegos e para curar as dores da alma e os achaques do corpo.

Creio que nos tons maviosos da Avé-Maria, subindo como incenso ao etéreo trono da Virgem são metralhadoras mais po-

tentes para fazer cair o rócio de graças sobre o solo pátrio do que os trovões das bombardas, em tempo de estiagem, para orvalhar as flores e as ervinhas do campo.

Creio que é ali a morada terrestre dessa Mãe Omnipotente nas suas súplicas.

Creio que Ela tem feito e continuará a espargir benefícios a mãos cheias, e que ao seu encanto sedutor não haverá pecador nem miséria social que resista.

Eu creio, eu creio... eu creio.»

**Tradução dum livro alemão sobre Fátima. — O Doutor Luís Fisher, Lente da Universidade de Bamberg. — Lourdes e Fátima, miradoiros do Céu. — O acontecimento reglioso mais notável da actualidade. — Excelente carácter dos portugueses. — A literatura e a «Voz da Fátima» obras primas de informação e de verdade.**

Sob a epígrafe «Fátima a Lourdes Portuguesa», pelo Doutor L. Fisher (Tip. da União Gráfica, Lisboa), tradução do Dr. Sebastião da Costa Brites, — o distinto crítico literário do grande diário católico da capital «Novidades», que subscreve os seus artigos com as iniciais J. A. C., publicou no número de vinte e cinco de Julho último dêsse jornal um primoroso artigo em que aprecia e põe em justo relevo aquele encantador volume do sábio professor bávaro.

E' este esplêndido artigo que com a devida vénia se transcreve a seguir:

«A tradução, ótima, dêsse livro estrangeiro é já feita da segunda edição alemã, o que mostra que a Fátima não interessou apenas o professor da Universidade de Bamberg, que a visitou, mas está despertando o interesse da filosofia da Alemanha. O Dr. Fisher não quis, entretanto, armar em filósofo ou em crítico diante daquela porta do Céu, que veio encontrar na terra lusa.

Só se fez pequenino, orou e fraternizou com os simples. Para ele, Lourdes e Fátima miradoiros do Céu, para gozo de todas as almas do mundo; não são privilégios nacionais, favores concedidos por um Céu parcial, para logradouro egoista de certos povos. Por isso, depois de rezar com os portugueses, achou que era um dever informar-se bem, com o Prelado de Leiria e com todas as testemunhas fidedignas e depois ir para a sua própria terra tornar conhecido o facto de Fátima, ignorado de todos, *non obstante Fátima constituir um dos acontecimentos religiosos mais notáveis, se não o mais notável, da actualidade*»

Se a Virgem aparecida arrebatou o lente alemão, por tal forma que ele anda a trabalhar ainda noutra obra de maior tomo acerca da aparição portuguesa, não deixaram também de encantá-lo os portugueses, tão hospitaleiros, tão inteligentes, de Valença, pelo Porto até à formosíssima Leiria. Na Fátima, então, a nossa gente apareceu-lhe como bem mais ordeira, calma e metódica do que os próprios tentões, com os quais, diz o Doutor, seria impossível conseguir tanta ordem em aglomerações tão colossais e tão improvisadas. (E falavam do nosso meridionalismo e do nosso revolucionário bicho carpinteiro!)

Vê-se que, ao benefício sobrenatural da sua visita, a Virgem trouxe aos portugueses benefícios concomitantes: até o de serem mais bem apreciados!

Quanto a nós, se o livro do sábio alemão não trouxe nada de novo, podemos pelo menos ver que não somos exagerados no apreço que faremos dos nossos próprios trabalhos: a literatura fatimense e sobretudo o jornalzinho «Voz da Fátima» são notados pelo professor teutão como obras primas de informação e de verdade.

E' certo que o Doutor vai notando que, se a Senhora quisesse aparecer na Alemanha, teria de apresentar primeiro «certidão de idade, de baptismo e de nacionalidade, para que a residência lhe fosse permitida». Mas o espírito policial do prussianismo, que lá pelo Norte invadiu até a vida religiosa, não lhe parece, ao Doutor, fazer cá falta nenhuma e até acha bem melhor o catolicismo livre e voluntário dos povos do Sul...»

Visconde de Montelo

—\*—\*—\*—  
A má consciência está sempre inquieta e assustada. Gozarás de brando socêgo se teu coração de nada te acusar. Não te alegres senão quando fizeres algum bem.

Imitação de Cristo, Liv. II, cap. VI.

**Um anjo no exílio — Nostalgia do Céu — À mesa do banquete divino — Flores roxas de martírio — No regaço da Virgem — Regresso à Pátria**

Maria Dias Lopes, filha de Alvaro Lopes e de D. Narcisa Dias Lopes, era uma gentil menina, a mais velha de duas irmãs, prole abençoada dum lar honesto e cristão, consolação única e doce esperança dos pais extremos. A sua infância, inocente e des-cuidosa, tinha deslizado, tranqüila e suavemente, entre jardins e vergéis, à sombra de árvores copadas, nas margens ridentes e formosas do Tejo, cujas águas, na época das cheias, iam beijar, espreguiçando-se, os muros brancos da linda e aprazível estância em que vivia.

As maiores delícias dessa alma, em extremo delicada e sensível, consistiam em estar junto dos pais estremecidos e da irmã querida, partilhando das suas alegrias e dos seus desgostos e procurando com o carinho e a ternura dum coração afectuoso e meigo, como anjo tutelar do santuário doméstico, tornar-lhe menos duras as provações do exílio, que é este vale de lágrimas e de misérias, em que passamos algumas horas antes de raiar a manhã do dia eterno.

A sua radiosa mocidade era uma mocidade exuberante de vida, cheia de viço e frescura, polvilhando o ambiente de inebriantes perfumes e enchendo-o de suaves harmonias, qual flor de encanto que desabrocha ao contacto do orvalho matutino ou ao beijo do raio do sol nascente, qual avezinha canora que desfere na siringa do seu peito os seus cânticos de ventura e os seus trinos de amor.

Entre as meninas da mesma idade, suas vizinhas e companheiras, distinguia-se pela modestia no trajar e pelo desprendimento das vaidades do mundo. Um dia o pai quis comprar-lhe um vestido, mas a boa menina, que dele precisava, receando onerar o orçamento doméstico com uma despesa excessiva, disse:

«Meu pai, não quero que faça sacrificios; não compre o vestido, que eu posso remediar-me com o que tenho».

Extremosa por sua mãe, não a abandonava um só instante, quando a via doente de cama, renunciando então de bom grado a todos os seus divertimentos e passatempos, para lhe assistir com o disvelo e a solicitude duma dedicada enfermeira, enquanto ela não voltava, recuperada completamente a saúde, às suas ocupações habituais.

Se, mercê dalguma indisposição de estômago, a mãe não tomava qualquer das refeições, a pequena, triste e inquieta, dizia logo: «Se minha mãe não come, também eu não como».

A tudo antepunha o sossêgo e o conchêgo do lar, a convivência dos pais, da irmã e das outras pessoas de família.

Nunca assistiu a bailes nem frequentou teatros e animatógrafos, onde tantas almas perdem a inocência ou encontram perigos para a sua virtude.

Não gostava de se pôr sôzinha às janelas da sua encantadora vivenda, e só o fazia juntamente com sua mãe.

Para não se afastar um só momento da companhia dos pais queridos, recusava-se até a dar passeios inocentes e higiênicos pelos campos vizinhos.

«Filha adorada, dizia-lhe um dia a mãe extremosa, acompanha as tuas amigas no passeio que vão dar; faz-te bem respirar o ar puro dos pinhais, ouvir o canto das avezinhas e aspirar o aroma das flores silvestres.

«Não, mãezinha, replicava ela, se me acompanhasse, iria de boa vontade, assim prefiro ficar em casa, ao pé de si, do pai-zinho e da mana».

A breve trecho chegou os catorze anos.

E' então que Saatarém, a formosa princesa do Tejo, a acolhe dentro dos seus muros seculares, proporcionando-lhe, no Pensionato Andaluz, modelo de institutos femininos de educação e ensino, um abrigo seguro para a sua virtude, uma escola primorosa para a cultura do seu espírito e um prolongamento do lar paterno, onde o seu coração encontra lenitivo para a ferida nele causada pela saúde na estima e no carinho das mestras e condiscípulas, sentindo-se plenamente satisfeita e feliz.

Cinco meses — os últimos da sua existência sobre a terra, passa-os no cumprimento exacto dos seus deveres, e na prática de todas as virtudes cristãs.

Agil como uma arvela, alegre como um colibri, ela é, nos recreios e nos passeios, sempre e em toda a parte, a amiga dedicada das suas companheiras de colégio, igual para todas na estima e nos obsequios da amizade fraternal. Dócil e obediente às prescrições regulamentares e aos mais leves acenos das suas superiores e mestras, tentando, por assim dizer, adivinhar os seus desejos para os cumprir, — impõe-se como

um modelo de colegial à admiração e imitação das outras meninas.

Afervorando-se cada vez mais na sua piedade, sincera e sólida, era com as disposições dum anjo que se aproximava da mesa eucarística, abrindo o seu coração, puro e inocente, às doces carícias do Divino Rei de Amor, como a flor mimosa descerra a corola para receber tôdas as manhãs as gotas do orvalho do céu.

Um dia durante as férias da Páscoa, faleceu uma pessoa de sua família. No dia seguinte era Domingo. A hora do costume, preparou-se para ir ouvir missa. A mãe, ao vê-la já pronta para sair, observou:

«Minha filha, estamos de luto, e por isso não há obrigação de ir à missa. Olha que a tua prima hoje não vai e tu não tens companhia!»

Ao que a pequenina retorquiu:  
«Os paizinhos façam como quiserem, mas eu é que não falto à missa, porque as senhoras lá no Colégio diziam que cada um respondia por si.»

Anjo exilado na terra, o Céu reclamava-a como coisa que lhe pertencia. A doença, uma doença mortal, vem roçála, inesperadamente, com a sua asa negra.

No curto espaço de cinco dias, o seu organismo débil e franzino, a-pesar-de todos os esforços empregados pela sciência para a salvar, sucumbe aos estragos do mal que a minava.

Durante a sua dolorosa agonia, uma voz amiga diz-lhe, num dado momento, em que parecia sentir menos dores:

«Agora não sofre tanto, não é verdade?»  
Cheia duma santa resignação, a pobre menina replica com vivacidade:

«Ah! só eu sei o que sofro, mas ofereço da melhor vontade todos os meus sofrimentos pelas almas do Purgatório.»

A sua devoção para com Nossa Senhora de Fátima, a quem tanto amava, aumentou consideravelmente durante os poucos, mas longos e intermináveis dias, do seu cruciante martírio, que suportou na mais perfeita conformidade com a vontade de Deus.

Comprazia-se mesmo em invocá-la e até nas horas da sua lúcida agonia achava refrigerio, deglutindo algumas gotas de água da fonte miraculosa do santuário da Lourdes Portuguesa.

Uma vez a Directora do Colégio disse-lhe: «Pede a Nossa Senhora de Fátima que te dê saúde!» E ela, numa angélica expressão de súplica, exclamou: «Nossa Senhora do Rosário de Fátima, dai-me saúde para fazer a vontade a mim e ao meu paizinho!»

O pai perguntou-lhe um dia:  
«Minha filha, que prometeste a Nossa Senhora de Fátima, se ela te curar?»

A resposta foi: Vamos lá todos e eu levar-lhe-ei cincoenta mil réis!»

As vezes dizia: «Na Cova da Iria há uma fonte de água muito fresquinha...» Era sinal de que a sede abrasava a pobre menina, devorada por uma febre ardente. E a preciosa linfa, que lhe era ministrada às colheres, parecia deliciar-lhe a alma, ao mesmo tempo que lhe refrigerava os lábios crestados e a boca ressequida.

Foi com os mais vivos sentimentos de piedade que recebeu os últimos sacramentos. Ficou assim preparada para a grande viagem da eternidade que em breve iria emprender

No dia trinta e um de maio, sábado e último dia do mês de Maria, consagrado pela Santa Igreja a Nossa Senhora Medianeira de tôdas as graças, às onze horas e meia da manhã, rodeada dos pais amantísimos, inconsoláveis na sua profunda mágoa, e de parentes e pessoas amigas, a quem pungia dolorosamente o amargo espinho da saudade, a angélica menina Maria Dias exalava o derradeiro suspiro, enquanto a augusta Rainha do Céu vinha ao seu encontro e recebia nos braços maternais a sua bela alma, adornada ainda com a inocência do baptismo, para lhe pôr sobre a fronte virginal a coroa rutilante e imarcessível da eterna glória.

Visconde de Montelo

N. da R. — Devido a alguns lapsos e saltos de composição, este trecho da crónica do mês de Junho saíu completamente transformado. Por isso se reproduz agora em separado exactamente como tinha sido escrito.

## Um bom ladrão

Um jovem de vinte anos, ferido mortalmente em uma rixa, vivera sempre no vício. Havia pouco que saíra da prisão.

A sua pobre mãe, vendo-o em pontos de morrer, quiz falar-lhe de Deus, o que o fez blasfemar horrivelmente e ficar tão fora de si que procurava qualquer objecto que pudesse atirar à cara da mãe.

Esta calou-se mas fixou uma imagem do Sagrado Coração de Jesus que estava na parede e correu à igreja.

Aqui, por toda a oração, pronunciou com fé ardente as seguintes palavras imitadas das do bom ladrão: «Senhor, no vosso reino, tende piedade do meu filho e não o deixeis perecer eternamente.» Ao entrar em casa qual não foi o seu espanto ao vêr o ar alegre e piedoso de seu filho!

Minha mãe, disse êle mostrando ao mesmo tempo a imagem do Sagrado Coração. Ele disse-me: «Hoje entraras comigo no Paraíso.» Era a resposta do salvador ao bom ladrão completando a oração da mãe.

Pede um sacerdote e depois conta tudo a seu pai tão ímpio como êle. Morre como um predestinado e o pai começou a viver como um bom cristão.

Este facto passou-se há alguns anos em New-York e vem citado no *Petit Apôtre du Sacré Coeur*, de M. Febvre.

## As curas de Fátima

### Entero-colite.

Ana Ferreira Salgado, da freguesia de Paço de Sousa, concelho de Penafiel:

Venho por este meio pedir a V. Rev.ª o grande favor de publicar no seu jornalzinho o grande milagre que a Virgem Nossa Senhora do Rosário da Fátima me concedeu, no dia 13 de Maio, do ano passado de 1929, e que eu, muito desejava fazer público, para maior honra e glória da Santíssima Virgem.



Ana Ferreira Salgado

Pois eu desde os 10 anos fiquei órfã, sem pai nem mãe. Tinham-me dito que eu tinha outra mãe; que era a do Céu. Quando me via aflita era a Ela que recorria, e nada me faltava pois ela logo me protegia.

Durante 25 anos andei a servir, e à noite, quando ia para o meu quarto, sempre me consagrava a Nossa Senhora e pedia-lhe que me livrasse de todos os males.

Durante 9 anos sofri de enterocolite estando de cama sete meses, chegando a receber todos os sacramentos, para partir para a outra vida. Depois melhorei alguma coisa, mas só podia tomar uma refeição por dia e só daí a cinco anos é que pude tomar duas refeições por dia, uma ao meio dia, e outra às 4 horas da tarde, sendo a comida só batata cozida sem sal, e meio quartilho de leite, em cada uma das referidas refeições.

Durante esta minha doença fui tratada pelo médico Sr. Dr. Aloísio José Moreira, da vizinha freguesia de Fonte Arcada, que me deu muitos remédios e grande quantidade de injeções e eu, ia andando, dias melhores, dias piores, tendo no entanto as esperanças perdidas de tornar a recuperar a saúde.

Lembrei-me então de ir a Fátima pedir a Nossa Senhora que me curasse se fôsse da sua vontade. Pedi ao referido médico, para me passar o atestado da minha doença, e êle me disse que a viagem me devia fazer mal, devido à gravidade da minha doença, mas sempre me passou o atestado, e no dia 11 de maio do ano passado, parti para Fátima, numa peregrinação desta freguesia.

Chegámos no dia seguinte à tarde, e assisti à procissão das velas, e à adoração nocturna do S.S. Sacramento, e a todos os mais actos do culto divino; e no dia 13 de manhã recebi a Sagrada Comunhão.

As 9 horas fiz a entrega do meu atestado da doença no hospital, e em seguida dei entrada no pavilhão onde assisti à Missa dos doentes e recebi a bênção particular do S.S. Sacramento. Nesse momento veio-me uma sede, tão grande que eu não pude aguentar e pedi a uma das Senhoras Servitas um copo de água. Bebi e fiquei bem. Daí a um quarto de hora voltou-me a mesma sede e pedi outro copo da mesma água a outra senhora Servita. Quando bebi êste segundo copo da água milagrosa senti-me melhor. Lembrei-me nesta ocasião de que foi um copo em honra de Nossa Senhora e outro em honra do seu divino Filho. Depois de terminados todos os actos religiosos voltei para casa, com grandes saúdes dêsse lugar bendito da Mãe de Deus.

Tôda a viagem, quer à ida, quer à volta para casa, cantei sempre a *Avé-Maria*, com a grande confiança e alegria, que trazia no meu coração.

Já passaram 11 meses de experiência com as comidas e nada me faz mal e encontrando-me curada da referida doença por intermédio de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, que é a minha Mãe.

Eu sou Filha de Maria há 18 anos e para que as pessoas que me conheceram na minha grande doença, e agora vejam como estou boa, envio a minha fotografia para ser também publicada, pois a minha doença foi terrível mas eu confortava-me com a vontade de Deus, que levou a sua cruz, e eu pecadora também a devia levar.

Para maior honra e glória de Nossa Senhora do Rosário da Fátima pede a publicação desta notícia a mais humilde das servas da Santíssima Virgem, e lhe agradece tão grande graça que Ela lhe concedeu».

### Cólicas graves.

Hermengarda Correia da Silva, de Tete (Africa Oriental) em carta de 29 de março último, diz o seguinte:

«Venho cumprir um dever sagrado dando conhecimento a Vossa Excelencia, dum facto que atribuo à intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, operando assim o milagre na rápida alteração, para melhor, na grave doença que acometeu um dos meus adorados filhos.

O meu filhinho mais novo, de nome Eduardo, o meu querido bebé, foi em principio de outubro de 1929 acometido de muitas febres que o foram definhando, até que em principio de dezembro peorou sensivelmente, vendo-o eu a braços com a morte na noite de 14 para 15 do mesmo mês de Dezembro.

Quando o meu coração de mãe foi alcançado pela cruciante notícia do médico assistente, de que pouco ou nada mais tinha a fazer, quando eu vi o meu adorador filho a torcer-se com dores em resultado de umas cólicas terríveis, quando de minuto para minuto eu, o meu marido e tôdas as pessoas amigas que nos acompanhavam, esperavamos ver exalar o último suspiro pelo meu rico filho, recorri à protecção de Nossa Senhora, dei água da Fátima a beber a êsse meu ente tão pequenino, fricionei-lhe o ventre com a mesma água, caí aos pés da imagem da Nossa Senhora e resando, por vezes acompanhada por pessoas amigas, com todo o fervor da minha alma de crente e com tôda a sinceridade que pode ter uma mãe ao presentir o desaparecimento de um filho, roguei a Nossa Senhora a sua protecção, com a promessa de lhe mandar dizer uma Missa cantada no seu Santuário em Portugal e uma outra aqui em Tete, e mais duas simplesmente rezadas, promessa que já comecei a cumprir.

Por milagre, as dores que o meu filhinho sentia começaram a diminuir e, quando rompeu a manhã do dia 15 de Dezembro, o meu adorador filho, o meu bebé, já nos parecia outro, já estava na verdadeira vida, enchia de alegria os seus pais e tôdas as pessoas amigas que nos acompanhavam nessa grande dor. As cólicas nunca mais voltaram e para alegria e ventura dos seus pais o meu rico filho vive, estando hoje bom. Já a êsse tempo o meu dito filhinho e os seus dois irmãos, creancinhas também, traziam medalhas de Nossa Senhora e que nunca deixam de trazer.

Nunca deixarei de ter Rev.ª Senhor, uma fé ardente na protecção da Nossa Senhora que foi o meu sublime e augusto conforto nas horas da maior tristeza que pode ter uma mãe, e pedirei sempre à Rainha do Santíssimo Rosário da Fátima que me acuda e aos meus nas horas de perigo e que rogue sempre por nós.

Pedindo a Vossa Reverendíssima a publicação desta carta começada e acabada com os olhos postos na imagem santa de Nossa Senhora, peço desculpa dos seus poucos dizeres porque ela não foi somente ditada pela impressão que recebi com o milagre operado mas também porque sou, como tenho sido, uma fervorosa crente, e glória a meus queridos pais que souberam impregnar o meu coração de tal fé.»

### Doença num pé.

Júlio Gonçalves, escreve de Hong-Kong em 29 de maio, dizendo:

«Sofri dois meses duma doença no pé direito. Por mais remédios de que fizesse uso, não havia meio de o ver curado. Recorri um dia à Santíssima Virgem do Rosário de Fátima e finalmente encontrei a cura. Por êste beneficio, venho agradecer à Santíssima Virgem, tornando-o público para sua honra e glória.»

### Úlcera cancerosa.

Maria José Gomes, natural das Lages das Flores (Açores), onde reside, sofria havia doze anos de uma úlcera debaixo de um braço que um médico classificou de cancerosa e tendo-lhe aplicado compressas de água de Fátima nos dias da novena de N.ª S.ª do Rosário, Padroeira desta freguesia, acha-se actualmente curada, pelo que agradece reconhecidíssima a Nossa Senhora e manda publicar esta graça como prometeu.

### Úlcera no estomago.

Rosalina de Jesus Marques, de Venda do Alcaide (Pinheiro Novo).

Há muito tempo doente, mas há 4 mezes andava sendo tratada, pelo médico Dr. Vieira de Carvalho, de uma úlcera no estomago, não se alimentando senão de umas pequenas gotas de leite e isso mesmo o vomitava, a ponto de ultimamente ser aconselhada pelo próprio médico a ser operada, mas visitando uma pessoa piedosa e esta aconselhando-a a rezar o terço oferecendo-lho recebeu-o com tanta Fé e no propósito firme de implorar da Virgem, suas melhoras, que ao sair de casa dessa pessoa, encontrando uma vendadeira de frutas, comprou ameixas e ali mesmo comendo-as, logo a seguir se sentiu aliviada do seu sofrimento, e, então, abandonando remédios, começando a comer de tudo se tem sentido melhor.

Sendo análises feitas tinha também albumina. Nestes últimos dias tudo digere, funcionando bem o intestino.

É pobre, e, só com sacrificio e muita Fé na Providência Divina e em Nossa Senhora, instada e aconselhada pela mesma pessoa piedosa se abalançou a fazer a viagem em julho para mais de perto implorar da Virgem a sua cura radical.

Setubal, julho de 1930.

### Dores numa perna.

Felicidade Maria Ferreira, da Cela (linha de Oeste), casada, teve durante seis meses uma dor em uma perna. Nem com banhos nem com outro qualquer tratamento conseguiu melhorar. Veio a Fátima, resou o terço e dentro de vinte e quatro horas achou-se curada, voltou em julho a Fátima a agradecer a Nossa Senhora.

### Surdez.

José Teotónio Mendes, da Cela (linha de Oeste). Havia cerca de um ano que não ouvia. Lavou três vezes o ouvido com água de Fátima e dentro de três dias sentiu-se curado.

### Uma creancinha.

Maria Antónia, de cinco anos, filha de José Gaspar, do Casal dos Carvalhos (Alvorninha), chegou aos dois anos sem andar. Veio a Fátima e no mesmo dia começou a andar.

### Uma graça.

Mário dos Santos, 35 anos, rua dos Caldeiros, 210 — Porto, tuberculoso; aproximava-se a morte e êle sem querer confessar-se; poisque detestava até mesmo a sombra dum sacerdote. Florinda Rosa, rua de Traz, 127, pediu com muita fé, no dia 13 de Fevereiro do corrente ano, a Nossa Senhora de Fátima a graça (que prometeu publicar no seu jornal) de que por vontade própria do doente pedisse um sacerdote para se confessar. No dia 20 do mesmo mês às 8 horas da manhã, pediu para lhe chamarem um sacerdote, mas isto sem que pessoa alguma lho lembrasse. Confessou-se recebeu com lágrimas a Sagrada Comunhão, e faleceu no dia 23 do mesmo mês com todas as boas disposições.

**Tuberculose pulmonar.**

António Alexandre, da freguesia da Cella (Alcobaça), entregou no dia 13 de julho o seguinte relatório:

«Em 1925, quando tinha 49 anos, fui atacado duma doença que me privava de trabalhar e que bastante me incomodava, chegando, por muitas vezes, a deitar grandes porções de sangue pela boca.

Consultei vários médicos, alguns especialistas, tanto de Lisboa como da província, e por todos ou quasi todos me era dito que o melhor que eu tinha a fazer era comer de tudo que me apetecesse e ter bastante descanso porque outra forma de me curar não conheciam. Pedí a todos, ou a quasi todos, o favor de me auxiliarem a fim de eu ser internado num hospital, e a resposta que semper obtive deles era o seguinte:

Isso não lhe vale a pena. Vá para junto da sua família, porque é melhor evitar essas despesas.

Notei por isso que eles me julgavam sem cura possível. Mais tarde, por informações que recebi de vários doentes que se trataram no Sanatório da Guarda, e que me garantiam poder-me ali curar, resolvi, sem consultar mais nenhum médico à cerca disto, seguir para o dito Sanatório, onde ainda estive cerca de três meses.

Na minha ida, fiz-me acompanhar de algumas cartas de empenho para o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Director daquele estabelecimento, a quem não posso deixar de testemunhar a minha gratidão pelos assíduos cuidados que sempre me dispensou, e pelos esforços que fêz para conseguir a minha cura, do que obtive pouco resultado.

Vendo eu que não tinha cura e que continuando ali, gastaria todos os meus haveres, deixando minha família, mulher e oito filhos (o mais novo então com dois anos), reducidos à miséria, resolvi voltar para junto deles.

Passado tempo, uma noite, eram 10 horas, acordei muito aflito e chamei minha mulher para que acendesse uma luz. Passados momentos comecei a deitar grande quantidade de sangue pela boca, como nunca tinha deitado tanto, supondo todos que eu nessa noite morreria. Minha família chorava, e eu lembrando-me dos meus irmãos que moram distante de mim algumas léguas e querendo-me despedir deles mandei-os chamar, aparecendo-me alguns vestidos de luto por os terem informado de que quando chegassem já não me encontrariam vivo. No meio de toda esta aflicção pedi a Nossa Senhora de Fátima que me valesse. Não lhe pedi que me curasse, mas que me conservasse vivo até todos os meus filhos me conhecerem bem, e que eu \*podesse, ao menos administrar os meus serviços de lavoura. Hoje, já com 54 anos, felizmente já faço qualquer trabalho de lavoura, sem que me faça mal, evitando assim de pedir o auxílio dos meus visinhos, como acontecia então, e como também todos os meus filhos já estão em idade de me conhecerem como pai, e crendo que foi a Virgem Nossa Senhora que me fêz este milagre venho pedir a publicação destas linhas no jornal a *Voz de Fátima* e fazer entrega da promessa que fiz (o valor de dois bezerros de dez mezes e de um cordão de ouro).

\*\*\*

**Um sermão original**

Não faz muito tempo, um pároco fez o seguinte sermão na missa do domingo:

Meus amados irmãos:

Ao pedir-vos alguma esmola para as vítimas da inundação, para os meninos estafados da Rússia, para a Santa Infância e para a Propagação da Fé, correspondestes sempre com generosidade.

Hoje não vos peço para pessoas distantes e extranhas; suplico-vos uma esmola para pessoas desgraçadas, especialmente senhoras e meninas da nossa paróquia, as quais não tem com que comprar um vestido que as cubra, e se veem obrigadas a andar, coitadas, pelas ruas, sem mangas, sem meias e decotadas, com perigo de resfriados e pneumonias.

Recomendo-vos de todo o coração essas infelizes...

Da minha parte, já tomei nota dos seus nomes, e quem lhes oferecer uma esmola, terá a bênção de Deus e a gratidão das beneficiadas».

No domingo seguinte quasi todas as jovens da paróquia assistiram à missa modestamente trajadas.

**Voz da Fátima**

**Despêsa**

Transporte ... ..	215.751\$65
Papel, composição e impressão do n.º 94 (55.500 exemplares) ... ..	3.080\$50
Franquias, embalagens, transportes, gravura, cintas, etc.	861\$05
	219.693\$20

**Donativos vários**

Na impossibilidade de registar aqui todas as quantias enviadas pelas assinaturas (o mínimo de dez escudos por ano), publicamos apenas algum donativo maior, feito quasi sempre por ocasião da distribuição de jornais:

P.º António Martins Carneiro, 40\$00; Sofia Regalão, 122\$00; Arminda Maria Coelho, 20\$00; Amélia Belindrinha, 20\$00; Emília Gomes de Almeida e Silva, 50\$00; Alípio Vicente, 40\$00; João Craveiro Viagas, 93\$30; P.º Avelino Domingos, 30\$00; Joaquim da Silva Carvalho, 102\$60; P.º Joaquim Lopes Seixal, 150\$00; Maria Isabel Monteiro Reinas, 50\$00; na Capela do Senhor da Vera Cruz de Landal, 40\$00; António Francisco Barbosa, 20\$00; P.º Augusto José Vieira, 65\$00; Ângela Costa e Idalina Nunes, 175\$00; Elisa Lourdes Mesquita, 20\$00; Maria Margarida de Campos Casais, 37\$50; Maria dos Remédios, de Macau, 70\$00; Ana Rodrigues, 40\$00; Zita Rodrigues, 40\$00; Manuel Pereira da Costa, Brasil, 41\$84; na igreja de S. Tiago de Cezimbra, por Gertrudes do Carmo Pinto, 59\$00; na igreja de S. Mamede, em Lisboa, por N. R., 10\$00; na igreja do S. S. Coração de Jesus por Maria Matilde da Cunha Xavier, 21\$60.

\*\*\*

**Oferta ao S. Padre no 50.º aniversário da sua ordenação sacerdotal.**

**Apêlo para a fundação, em Africa, de uma estação missionária denominada "Fátima."**

Como é do domínio público, o jubileu do S. Padre foi prorrogado até Junho do corrente ano.

Ao grande Papa das Missões devem os leitores da «Schildwache» oferecer uma estação missionária, a qual será colocada sob a protecção de N. S. do Rosário da Fátima.

As missões são a preocupação constante do S. Padre.

«A conversão do mundo, a propagação da fé, dissei-o a toda a gente, anunciai-o por toda a parte, é o pensamento dominante do nosso espirito, o principal anelo do nosso coração, a suprema aspiração da nossa vontade. De toda a parte chega até nós o grito: «ajudai, enviai dinheiro!»

Atendendo a esta grande necessidade, devem mobilizar-se todas as forças. Todos devem prestar o seu concurso e a ninguém é lícito permanecer inactivo.

Um sacerdote acaba de se inscrever com a quota mensal de 10 marcos para a manutenção dum catequista. Muitos dos nossos leitores desejarão, por certo, seguir-lhe o exemplo, sustentando também um catequista cujo ordenado varia, em Africa, entre 5 e 10 marcos. Não faltarão outros que, para esse fim, procurarão coligir esmolas entre as pessoas das suas relações e, outros ainda que, de bom grado, concorrerão com a quota mensal de um ou meio marco.

Por meio destes catequistas poderão converter-se ao catolicismo aldeias inteiras. E' frequente ler nos relatórios dos missionários:

Se eu tivesse catequistas poderiam converter-se aldeias inteiras desta região».

Os pagãos imploram instrução e Baptismo. Infelizmente falta quem ensine, ou antes, faltam meios para manter os catequistas.

Mãos à obra, pois, e que Maria, sob cuja protecção vai ser colocada esta nova missão, se digne abençoá-la e protegê-la.

Que alegria para esta boa e santa Mãe se, lá ao longe, na Africa, muitas almas se converterem ao Coração do seu Divino Filho!

Prestam-se esclarecimentos na administração da «Schildwache» para onde devem ser enviadas todas as dádivas.

(Tradução da revista alemã *Dieschits-mache* dirigida pelo Rev. Doutor Luis Fischer, autor do livro *Fátima*, a Lourdes portuguesa).

**O Sétimo: Matrimónio**

**Uma consulta**

— Snr. Prior, eu vinha fazer-lhe uma consulta e pedir-lhe um conselho. Pode agora atender-me?

— Pois não, D. Alice? Queira ter a bondade de se sentar. O meu tempo é dos meus paroquianos, sobretudo quando se trata de católicas zelosas como V. Ex.ª

— Bondade sua, snr. Prior. O pouco que faço não merece tamanho elogio.

— Humildade e modéstia sua, D. Alice, digo eu. Mas... vamos lá ver: de que é que se trata? Parece-me que está tão preocupada!...

— E' uma novidade, que, afinal, talvez já o não seja para V. Rev.ª: é que penso em me casar.

— Muito bem, D. Alice, muito bem! E desde já faço os meus votos de muita felicidade.

— Muito obrigada, snr. Prior, mas não tenho pressa pois que nem sei se V. Rev.ª vai aprovar a escolha que pretendo fazer. E' precisamente para ouvir a sua opinião que eu aqui venho.

— A escolha que pretende fazer!... Mas não é V. Ex.ª que há de escolher? Tenho alguma coisa que ver?...

— Tem, sim senhor. E até me admira V. Rev.ª não saber de nada, tanto mais que há tanta gente linguareira, amiga de contar novidades!

— Isto de contar é com elas; o de ouvir e escutar é comigo e a mim não veem elas. Mas, vamos ao caso: quem é, então, o seu eleito, ou candidato a seu eleito?

— Conhece o Vasco?

— Como? Isso é lá possível?

— Eu já estava à espera disto! Em casa, a minha mãe fez também um tremendo escarcéu quando o soube. E agora, o snr. Prior... é a mesma coisa!...

— Mas, minha filha, como é que eu me não havia de espantar com o que acaba de me dizer? Não compreendo como a V. Ex.ª pudesse vir a ideia de casar com semelhante homem.

— E que crimes tamanhos cometeu êle?

— Está civilmente registado... com outra e agora trata do divórcio.

— Sim, nisto fez êle mal. Não há, porém, pecador que não possa converter-se.

— Teológicamente, está certo, mas... duvido que V. Ex.ª possa ser feliz.

— Ora, a felicidade é Deus quem a dá.

— A quem a merece e não procura a infelicidade.

— E porque é que eu havia de ser infeliz?

— Já lho vou dizer. Antes porém um considerando quanto ao tal Vasco. Acha V. Ex.ª correcto e lícito abandonar um homem desta forma uma jovem que tirou do lar paterno, com a qual teve filhos e procurar novo enlace? Acha isso correcto, direito, justo perante a moral e a consciência? Parece-me que subsistem obrigações para com a tal mulher e filhos, obrigações de que ninguém o pode dispensar!

— Dizem dela muita coisa.

— Já sei que êle diz cobras e lagartos da pobre, que para ali vive a curtir a miséria e a trabalhar para sustentar os filhinhos. Ela não dá escândalo e mostra que tem sentimentos de mãe, posto que pague agora o ter-se unido só civilmente a um homem que não quis saber da religião, preferindo o marido a viver na graça de Deus. Êle é que não tem sentimentos de pai para com os filhinhos. Ora agora pergunto eu: um homem que assim procede dará alguma garantia de que será um bom esposo?

— Mas êle pode corrigir-se.

— Pode!... e da parte dêle a emenda seria casar-se religiosamente com a mulher, re-

conciliar-se com ela e voltar a ser pai dos filhinhos.

— Isso nunca êle fará, segundo me disse...

— Talvez. O que vem a acontecer é outra coisa. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento. Êle, a primeira vez não quis saber de religião.

— E' que êle naquele tempo não a conhecia.

— E hoje continua inimigo dela e dos sacerdotes, como todos sabem. Se recorre ao Sacramento do Matrimónio para conseguir uma segunda mulher. E se morresse a primeira antes do divórcio, unir-se-ia a outra também pelo civil.

— V. Rev.ª vê tudo pelo lado pior!

— Minha filha, eu tiro apenas a consequência de factos concretos. Um homem que abandona na miséria uma mulher e filhos e é inimigo da religião, não dando por isso valor ao sacramento do matrimónio, não oferece garantia alguma de ser bom e fiel esposo. E é sobre tal base que V. Ex.ª quer construir a felicidade de sua vida? Diga-me: um individuo assim pode inspirar-lhe tal confiança que lhe confie o seu destino?

— Snr. Prior, muito obrigada. Eu nunca tinha pensado nisto.

— Pois é bem que pense, e muito seriamente, enquanto é tempo. E' melhor assustar-se agora e recuar, do que chorar depois quando já não há remédio. E' o conselho do sacerdote que se interessa a sério pelo bem dos seus paroquianos.

Vá, minha filha, reze e peça a Deus que a ilumine e guie para com serenidade, boa vontade e docilidade ouvir os que lhe mostram o bom caminho a seguir.

Noivo que não é amigo de Deus também o não será de sua esposa. Casamento e mortalha no Céu se talha, diz o provérbio. E', pois, a Deus que os noivos devem principalmente pedir a solução deste gravissimo problema, de que depende a felicidade das famílias nesta vida e de todos na eternidade.

E' preciso sobretudo *merecer* a Deus esta grande graça.

*Uma mulher boa é dada a um homem bom, como recompensa*, diz a sagrada Escritura.

Também do Céu é que há de vir o noivo que possa dar alguma felicidade a uma donzela pura e santa.

\*\*\*

**A arte de saber sofrer**

Um velhinho vivia no meio de mil penas e dificuldades sem nunca mostrar um movimento de impaciencia.

— O que faz você para viver tão tranquillo no meio de tão grandes contrariedades? perguntou-lhe um amigo.

— É uma coisa muito simples. Faço um bom uso dos olhos.

— Então como? continuou o outro; diga-me isso.

— Com todo o prazer. Primeiro levanto os olhos, fixo o céu e penso que ali é morada para onde eu devo tender com todas as forças da minha alma. Depois olho para o chão e vejo o lugar tão pequenino que ali ocuparei um dia. A seguir olho para o meu lado e vejo quantas pessoas há mais infelizes do que eu. Compreendendo estão em que consiste a verdadeira felicidade, em que o único bem é amar a Deus, que tanto nós ama e vejo que não tenho razão para me queixar.

Aqui tem o meu segredo.

**FÁTIMA a Lourdes Portuguesa**

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER  
 Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5\$00; pelo correio, 5\$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na **JUNLÃO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa**, na **VOZ DE FATIMA**, em Leiria e no **SANTUÁRIO DE FATIMÁ**.